

VICTORIA MAS

O BAILE DAS LOUCAS

Tradução
Carolina Selvatici

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

I

Geneviève

3 de março de 1885

Louise. Já está na hora. Com uma das mãos, Geneviève remove o cobertor que esconde o corpo adormecido da menina, encolhida no colchão estreito. Seus cabelos escuros e grossos cobrem a superfície do travesseiro e parte do rosto. Com a boca entreaberta, Louise ronca levemente. Não ouve ao seu redor, no dormitório, as outras mulheres já de pé. Entre as fileiras de camas de ferro, silhuetas femininas se espreguiçam, prendem os cabelos em coques, abotoam os vestidos compridos sobre as camisolas transparentes, depois caminham a passos monótonos na direção do refeitório, sob o olhar atento das enfermeiras. Raios de sol tímidos entram pelas janelas embaçadas.

Louise é a última a acordar. Toda manhã, uma residente ou uma alienada vem tirá-la da cama. A menina acolhe o crepúsculo com alívio e se deixa mergulhar em noites tão profundas que não sonha. Dormir permite que não se preocupe com o que aconteceu e não tenha medo do que está por vir. Dormir é seu

único momento de paz desde os acontecimentos de três anos antes, que a levaram até lá.

— Levante-se, Louise. Estão esperando você.

Geneviève sacode o braço da menina, que acaba abrindo um dos olhos. Primeiro, ela fica impressionada ao ver a mulher que as alienadas apelidaram de Anciã esperando ao pé da cama, depois exclama:

— Vou participar da aula!

— Vá se arrumar. Você já dormiu o suficiente.

— Está bem!

A menina salta da cama com os dois pés e pega um vestido preto de lã na cadeira. Geneviève dá um passo para o lado e a observa. Seu olhar se demora nos gestos apressados, nos movimentos incertos de cabeça, na respiração rápida. Louise teve uma nova crise ontem — não pode ter outra antes da aula de hoje, de jeito nenhum.

A menina corre para abotoar a gola do vestido e se vira para a intendente. Perpetuamente rígida em seu uniforme branco, os cabelos loiros presos em um coque, Geneviève a intimida. Com o passar dos anos, Louise teve que aprender a lidar com a rigidez da mulher. Ninguém pode acusá-la de ser injusta ou maldosa. Ela simplesmente não inspira nenhum tipo de afeição.

— Assim, sra. Geneviève?

— Solte os cabelos. O doutor prefere.

Louise leva os braços arredondados ao coque feito rapidamente e se apressa para soltá-lo. É adolescente, apesar de não querer. Aos dezesseis anos, seu entusiasmo é infantil. Seu corpo cresceu rápido demais: os seios e os quadris, ao surgirem aos doze anos, não a preveniram das consequências daquela volúpia repentina. Certa inocência deixou seus olhos, mas não total-

mente. É isso que faz com que todos possam esperar o melhor para ela.

- Estou com medo.
- Não resista e vai ficar tudo bem.
- Está bem.

As duas percorrem um dos corredores do hospital. A luz matinal de março entra pelas janelas e vem se refletir no piso — uma luz doce, que anuncia a primavera e o baile da mi-carême,* uma luz que dá vontade de sorrir e ter esperança de sair logo dali.

Geneviève sente que Louise está nervosa. A menina anda de cabeça baixa, os braços estendidos nas laterais do corpo, a respiração acelerada. As internas sempre ficam ansiosas quando vão encontrar Charcot — ainda mais quando são designadas para participar de uma sessão. É uma responsabilidade maior que elas, um destaque que as abala, um interesse tão pouco familiar para essas mulheres que a vida nunca valorizou que elas quase perdem o controle — de novo.

Depois de alguns corredores e portas vai e vem, elas entram na antessala do auditório. Um punhado de médicos e residentes espera. Com cadernos e canetas nas mãos, bigodes fazendo cócegas nos lábios superiores, corpos rígidos em seus ternos pretos e camisas brancas, eles se viram ao mesmo tempo para o objeto de estudo do dia. Seu olhar clínico disseca Louise: todos parecem ver através do vestido dela. A análise acaba fazendo as pálpebras da menina baixarem.

Apenas um rosto lhe é familiar: Babinski. O assistente do doutor anda até Geneviève.

- A sala logo estará cheia. Começaremos em dez minutos.

* Meio da Quaresma. (N. do E.)

— Precisa de alguma coisa específica para Louise?

Babinski observa a alienada dos pés à cabeça.

— Ela está bem assim.

Geneviève assente e se prepara para deixar a sala. Louise dá um passo ansioso atrás dela.

— A senhora vai vir me buscar, não é, sra. Geneviève?

— Como sempre, Louise.

Nos bastidores, Geneviève observa o auditório. Um eco de vozes graves se ergue dos bancos de madeira e toma a sala. O local parece menos um cômodo de hospital que um museu, ou até um salão de exposições. Pinturas e gravuras cobrem as paredes e o teto. Nelas, é possível admirar anatomias e corpos, cenas em que anônimos se misturam, nus ou vestidos, inquietos ou perdidos. Perto dos bancos, armários pesados que o tempo rachou expõem, atrás das portas de vidro, tudo que um hospital pode guardar como referência: crânios, tíbias, úmeros, bacias, dezenas de frascos, bustos de pedra e uma confusão de instrumentos. Já pela decoração, a sala promete ao espectador uma experiência singular.

Geneviève observa o público. Alguns rostos são familiares — ela reconhece médicos, escritores, jornalistas, residentes, políticos, artistas —, todos tão curiosos quanto já convertidos ou céticos. Ela se sente orgulhosa. Orgulhosa do fato de um único homem em Paris conseguir suscitar tamanho interesse que é capaz de preencher, a cada semana, todos os bancos do auditório. Aliás, ele está subindo ao palco. A sala se cala. Charcot impõe sem dificuldade a silhueta larga e séria diante do público de olhares fascinados. Seu perfil esguio lembra a elegância e a dignidade das estátuas gregas. Tem o olhar preciso e impenetrável

do médico que, há anos, analisa mulheres rejeitadas pela família e pela sociedade em um momento de profunda vulnerabilidade. Sabe a esperança que gera nas alienadas. Sabe que Paris inteira conhece seu nome. A autoridade lhe foi concedida e ele agora a exerce com a convicção de que ela lhe foi entregue por um único motivo: é seu talento que vai fazer a medicina progredir.

— Senhores, bom dia. Obrigado por terem vindo. Nossa aula é uma demonstração de hipnose em uma paciente com histeria grave. Ela tem dezesseis anos. Desde que chegou ao La Salpêtrière, há três anos, contamos mais de duzentos ataques de histeria nela. A hipnose nos permitirá recriar uma dessas crises e analisar os sintomas. Por sua vez, os sintomas vão nos ensinar mais sobre o processo fisiológico da histeria. É graças a pacientes como Louise que a medicina e a ciência podem avançar.

Geneviève esboça um sorriso. Toda vez que o vê se dirigir aos espectadores ávidos pela demonstração, pensa no início da carreira do homem no hospital. Ela o viu estudar, anotar, tratar, procurar, descobrir o que ninguém descobrira antes, pensar como ninguém pensara até ali. Sozinho, Charcot encarna a medicina em toda sua integridade, toda sua verdade, toda sua utilidade. Por que idolatrar deuses quando homens como Charcot existem? Não, isso não está certo: não existe nenhum homem como Charcot. Ela se sente orgulhosa, sim, orgulhosa e privilegiada por poder contribuir, há quase vinte anos, com o trabalho e os avanços do neurologista mais famoso de Paris.

Babinski leva Louise até o palco. Submersa no medo dez minutos antes, a menina mudou de postura: agora é com os ombros para trás, o peito estufado e o queixo erguido que anda na direção de um público que só esperava por ela. Não está mais com medo — é seu momento de glória e reconhecimento. Dela e do professor.

Geneviève conhece todas as etapas do ritual. Primeiro, o pêndulo balançado lentamente diante do rosto de Louise, seus olhos azuis imóveis, o diapasão sendo tocado uma vez e a queda da moça para trás, seu corpo letárgico segurado por um triz por dois residentes. De olhos fechados, Louise se submete a qualquer pedido, executa gestos simples para começar: ergue o braço, dá uma volta, dobra uma das pernas, como um soldadinho obediente. Depois, ela o poussa a pedido do médico, une ambas as mãos para rezar, ergue a cabeça para suplicar ao céu, imita a crucificação. Aos poucos, o que parece ser uma simples demonstração de hipnose progride para o grande espetáculo, “a fase dos grandes movimentos”, como anuncia Charcot. Agora, Louise está no chão e ninguém mais dá ordens a ela. Sozinha, ela se agita, dobra os braços, as pernas, joga o corpo da esquerda para a direita, vira para se deitar de costas, de bruços, os pés e as mãos se contraem até não conseguirem mais se mexer, o rosto se contorce de dor e prazer, bufadas estridentes pontuam as contorções. Qualquer pessoa supersticiosa pensaria em uma possessão demoníaca. Aliás, alguns membros da plateia fazem um discreto sinal da cruz. Então uma última convulsão a deixa de costas, os pés descalços e a cabeça se apoiam no chão e empurram o resto do corpo para cima, até formar um arco do pescoço aos joelhos. Os cabelos escuros varrem a poeira do palco, as costas em U invertido estalam pelo esforço. Por fim, quando a crise imposta termina, ela desaba com um baque surdo sob os olhares abismados.

É graças a pacientes como Louise que a medicina e a ciência podem avançar.

Fora dos muros do Hospital de la Salpêtrière, nos salões e cafés, muitos tentam imaginar como é o setor de Charcot, apelidado

de “setor das histéricas”. Todos imaginam mulheres nuas correndo pelos corredores, batendo com a testa no chão, abrindo as pernas para acolher amantes imaginários, gritando a plenos pulmões do nascer ao pôr do sol. Descrevem corpos de loucas entrando em convulsão sob lençóis brancos, caretas sob cabelos despenteados, rostos de mulheres velhas, mulheres obesas, mulheres feias, mulheres que é melhor manter isoladas, mesmo que ninguém saiba exatamente por que, já que elas não cometeram nenhuma ofensa nem crime. Para quem se assusta com qualquer toque de excentricidade, seja um burguês ou um proletário, pensar naquelas alienadas excita desejos e alimenta medos. As loucas os fascinam e os deixam horrorizados. E com certeza os deixariam decepcionados caso viessem dar uma volta pelo setor neste fim de manhã.

No grande dormitório, as atividades cotidianas são feitas com tranquilidade. Mulheres varrem entre e sob as camas de metal. Algumas se lavam diante de uma bacia de água fria, outras estão deitadas, assoladas pelo cansaço e pelos pensamentos, e não querem conversar com ninguém. Mulheres escovam os cabelos, falam sozinhas em voz baixa e observam a luz cair sobre o jardim, onde um pouco de neve ainda resta. Elas têm todas as idades, dos treze aos sessenta e cinco anos, são morenas, loiras e ruivas, magras e gordas, vestidas e penteadas como estariam na cidade, e seus movimentos estão longe de ser despidorados. Ao contrário do ambiente de depravação imaginado fora dali, o dormitório parece mais uma casa de repouso que uma ala exclusiva para histéricas. É ao olhar um pouco mais de perto que se percebem os problemas: vê-se uma mão fechada e retorcida, um braço contraído, apertado contra o peito. Veem-se pálpebras se abrirem e fecharem no ritmo do bater das asas de uma borboleta, ou certas pálpebras simplesmente fechadas

de um lado, enquanto apenas um olho nos observa. Qualquer som de cobre ou diapasão é proibido, para evitar que algumas desabem em plena catalepsia. Uma boceja sem parar, outra é afetada por movimentos incontrolláveis. Veem-se olhares abatidos, ausentes ou mergulhados em melancolia profunda. Além disso, de tempos em tempos, a famosa crise de histeria vem sacudir o dormitório no qual uma calma temporária paira: um corpo de mulher, sobre uma cama ou no chão, se dobra, se contrai, luta contra uma força invisível, se debate, se arqueia, se contorce, tenta escapar de seu destino, sem jamais conseguir. Então muitos a cercam, um residente pressiona dois dedos sobre seus ovários e a compressão enfim acalma a louca. Nos casos mais graves, um pano embebido em éter acaba cobrindo seu nariz. Os olhos se fecham e a crise termina.

Diferentemente das histéricas que dançam descalças por corredores gelados, predomina aqui apenas uma luta muda e diária pela normalidade.

Em uma das camas, mulheres se reúnem ao redor de Thérèse e a observam tricotar um xale. Uma jovem, penteada com uma coroa de tranças, se aproxima da mulher apelidada de Tricoteira.

— Este aqui é para mim, não é, Thérèse?

— Prometi para a Camille.

— Faz semanas que você me deve um.

— Dei um xale para você duas semanas atrás e você não gostou, Valentine. Agora vai ter que esperar.

— Mas que maldade!

A jovem se afasta do grupo com uma expressão incomodada. Ela não presta mais atenção à mão direita, que se contorce, nervosa, nem à perna dominada por tremores regulares.

Já Geneviève, acompanhada por outra enfermeira, ajuda Louise a voltar até sua cama. A menina, enfraquecida, ainda encontra forças para sorrir.

— Eu fui bem, sra. Geneviève?

— Como sempre, Louise.

— O dr. Charcot está satisfeito comigo?

— Ele vai ficar satisfeito quando tivermos curado você.

— Todo mundo estava olhando para mim, todo mundo... Vou ficar tão famosa quanto a Augustine. Não é?

— Agora descanse.

— Vou ser a nova Augustine... Paris inteira vai falar de mim...

Geneviève puxa o cobertor sobre o corpo exausto da menina, cujo rosto pálido adormece com um sorriso nos lábios.

A noite já caiu na Rue Soufflot. O Panthéon, lar de nomes ilustres homenageados sobre uma pedra espessa, vela o Jardim de Luxemburgo adormecido no fim da rua.

No sexto andar de um prédio, uma janela está aberta. Geneviève observa a rua calma, delimitada à esquerda pela silhueta solene do monumento aos mortos e, à direita, pelo jardim de estátuas em que transeuntes, amantes e crianças vêm desde a manhã caminhar pelos corredores verdejantes e gramados floridos.

Após voltar do trabalho no início da noite, Geneviève seguiu seu ritual diário. Primeiro, desabotoou a blusa branca. Depois, verificou de maneira metódica se não havia nenhuma mancha nela, normalmente de sangue, antes de pendurá-la em um pequeno armário. Então se lavou no corredor, onde às vezes encontra as outras moradoras do mesmo andar — uma mãe e a filha de quinze anos, as duas lavadeiras, sozinhas desde a morte

do marido durante a Comuna de Paris. Depois de voltar para a pequena quitinete, esquentou uma sopa que engoliu sem fazer barulho, se sentou na beirada da cama simples, iluminada por um lampião a óleo, então foi ficar dez minutos na janela, como toda noite. Agora, imóvel e rígida, como se ainda usasse o uniforme apertado, ela observa a rua do alto, tão imperturbável quanto um vigia no topo de um farol. Ela não faz isso para contemplar as luzes da rua nem para sonhar — não tem esse tipo de romantismo em si. Usa esse momento de paz para enterrar o dia passado entre as paredes do hospital.

Ela abre a janela e deixa escapar ao vento tudo que a acompanha de manhã até a noite — os rostos tristes e irônicos, o cheiro de éter e clorofórmio, as batidas dos saltos contra o piso, o eco das queixas e dos gemidos, o rangido das camas sob os corpos agitados. Ela apenas se distancia do local. Não pensa nas alienadas. Elas não a interessam. Nenhuma doença a emociona, nenhuma história a perturba. Desde um acontecimento no início de sua carreira de enfermeira, desistiu de enxergar as mulheres por trás das pacientes. Muitas vezes, as lembranças a dominam. Ela revê a crise surgir na interna que se parecia com sua irmã, seu rosto se transformar, as mãos agarrarem seu pescoço e o apertarem com a obstinação de uma condenada. Geneviève era jovem. Achava que, para ajudar, era preciso se apegar. Duas enfermeiras intervieram para libertá-la das mãos da moça a quem dera sua confiança e sua empatia. O choque foi uma lição. Os vinte anos seguintes vividos entre as alienadas continuaram a validar aquele sentimento. A doença desumaniza, faz das mulheres marionetes à mercê de sintomas grotescos, bonecas de pano nas mãos de médicos que as manipulam e examinam cada dobra de sua pele, animais curiosos que suscitam apenas interesse clínico. Elas não são mais esposas, mães ou adolescentes.

Não são mulheres que observamos ou consideramos, nunca serão desejadas nem amadas: são doentes. Loucas. Fracassadas. E o trabalho dela consiste em tratá-las da melhor maneira possível, no mínimo mantê-las internadas em condições decentes.

Geneviève fecha a janela, pega o lampião a óleo e se senta diante da escrivaninha de madeira, onde pousa o lampião. No quarto em que mora desde que chegou a Paris, o único luxo que se vê é um aquecedor que esquentava levemente o cômodo. Nada muda há vinte anos. Naqueles quatro cantos, há a mesma cama simples, o mesmo armário que guarda dois vestidos para sair e um para ficar em casa, o mesmo fogão a lenha e o mesmo conjunto de escrivaninha e cadeira que compõe um pequeno espaço de trabalho. Uma tapeçaria rosa que o tempo amarelou e a umidade inchou em alguns pontos traz as únicas cores para o cômodo mobiliado com madeira escura. O teto, arqueado, a faz baixar a cabeça mecanicamente em certos lugares quando se movimenta.

Ela pega uma folha, mergulha a pena no tinteiro e começa a escrever:

Paris, 3 de março de 1885

Minha querida irmã,

Já faz alguns dias que não escrevo. Espero que não fique chateada comigo. As alienadas estavam especialmente agitadas esta semana. Basta que uma entre em crise para que as outras a acompanhem. O fim do inverno costuma causar esse efeito nelas. O céu escuro sobre a nossa cabeça por meses, o dormitório gelado que os aquecedores não conseguem esquen-

tar direito... Sem falar nas doenças de inverno. Tudo isso agrava o humor delas, como você pode imaginar.

Por sorte, hoje os primeiros raios de sol do verão puderam ser vistos. E o baile da mi-carême em duas semanas — sim, já está na hora — deve acalmá-las. Aliás, logo vamos resgatar as fantasias do ano passado. Isso vai melhorar um pouco o humor delas e, assim, o das enfermeiras também.

O dr. Charcot deu uma nova aula pública hoje. Com a pequena Louise, mais uma vez. A coitadinha já acha que vai fazer tanto sucesso quanto Augustine. Eu deveria lembrá-la que aquela lá gostou tanto de fazer sucesso que acabou fugindo do hospital — com roupas de homem, para piorar! Ela foi muito ingrata. Depois de tudo que nós, e sobretudo o dr. Charcot, fizemos para tentar curá-la. Uma louca o é por toda a vida, eu sempre lhe disse isso.

Mas a sessão correu bem. Charcot e Babinski conseguiram provocar uma bela crise. O público ficou satisfeito. O auditório estava lotado, como toda sexta-feira. O dr. Charcot merece o sucesso que tem. Nem consigo imaginar as descobertas que ele ainda vai fazer. Isso sempre me faz pensar em mim mesma — uma mocinha da Auvérnia, simples filha de um médico do interior, que hoje auxilia o maior neurologista de Paris. Devo confessar que essa ideia enche meu coração de orgulho e humildade.

A data do seu aniversário está chegando. Vou me esforçar para não pensar nisso, porque me deixa triste demais. Sim, até hoje. Você deve achar que sou uma tola, mas os anos não mudam nada. Vou sentir sua falta para o resto da vida.

Minha querida Blandine. Tenho que ir dormir. Um abraço apertado e um beijo carinhoso.

Sua irmã que pensa em você onde quer que você esteja

Geneviève relê a carta antes de dobrá-la. Depois a insere em um envelope e anota no canto superior direito: “3 de março de 1885”. Ela se levanta e abre as portas do armário. Várias caixas retangulares estão arrumadas aos pés dos vestidos pendurados. Geneviève pega a caixa de cima. Dentro dela, há cerca de cem envelopes com datas no canto superior direito, como o que ela tem nas mãos. Com o indicador, examina a data no envelope do topo da pilha — “20 de fevereiro de 1885” — e pousa a nova carta sobre ele.

Ela devolve a tampa à caixa, a coloca no lugar e fecha as portas do armário.